

ORIGENS E EVOLUÇÃO DA GEOGRAFIA HISTÓRICA **ORIGINS AND EVOLUTION OF HISTORICAL GEOGRAPHY**

Patrício Aureliano Silva Carneiro¹

RESUMO: Um dos grandes desafios dos estudos históricos reside na incorporação e análise dos *processos espaciais*, bem como dos *elementos territoriais*, os quais seriam responsáveis por influenciar as temporalidades e os eventos e também por modelar e organizar o espaço no passado. No presente artigo, procuramos salientar a importância dessa articulação, discorrendo sobre as inter-relações entre as categorias tempo-espaço e história-geografia. Com base em bibliografia anglo-saxônica, discutimos a origem do campo disciplinar da Geografia Histórica e as contribuições dos principais protagonistas. Na Inglaterra, França, Estados Unidos, Canadá, Japão e Austrália, a Geografia Histórica conseguiu formar um campo de pesquisa respeitado, impondo-se pela qualidade dos seus quadros profissionais e pela produção teórico-empírica. No Brasil, entretanto, a disciplina não conseguiu consolidar uma tradição que se consubstanciasse numa escola de grande importância, apesar das contribuições de autores internacionalmente reconhecidos.

PALAVRAS-CHAVE: espaço e tempo; Geografia e História; Geografia Histórica.

ABSTRACT: One of the most significant challenges in the historical studies lies in the incorporation and analysis of spatial processes and territorial elements which influence temporality and events, as well as fashion and organize space in the past. The present article aims at emphasizing the importance of such relation as well as the connections between space and time, history and geography. Based on Anglo-Saxon bibliography, we discussed the origin of disciplinary field of Historical Geography and the contributions of scholars more prominent. In England, France, United States, Canada, Japan and Australia, the Historical Geography has formed a search field respected by the quality of its professionals and of the theoretical and empirical production. In Brazil, however, the discipline not managed to consolidate a school of great importance, in spite of contributions of authors internationally recognized.

KEYWORDS: space and time; Geography and History; Historical Geography.

¹ Mestre e Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor da Escola Preparatória de Cadetes do Ar - EPCAR. Contato: patriciocarneiro@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

História e geografia, em diversos momentos ao longo das suas trajetórias, chegaram a se debruçar sobre objetos semelhantes. Não poucas vezes, as fronteiras e os limites entre os dois campos fundiram-se e ficaram imperceptíveis. Em outros casos, porém, tornaram-se muito claros². A união entre história e geografia, baseada na tradição e em considerações práticas, foi rompida, teoricamente, em fins do século XVIII por Kant, para quem as duas disciplinas formavam um grupo à parte no sistema científico, por estudarem fenômenos únicos no tempo ou no espaço. Muito mais por convenções externas ao conhecimento e ao objeto estudado do que pela ausência de afinidades e similitudes, geografia e história, “ciências irmãs no nascimento”, tornaram-se disciplinas independentes. A primeira, ainda por um tempo, se converteu em auxiliar da segunda.

Sob a influência do positivismo, geografia e história desenvolveram metodologias distintas para o tratamento e análise de informações. Aos geógrafos, coube lidar com o espaço terrestre, aos historiadores, com o tempo. Embora se possa argumentar que “tempo e espaço são manifestações integrais”, como bem enfatizou Jakle (1971, p.1085), as duas construções, separadas no sentido kantiano, têm sido tradicionalmente usadas por geógrafos e historiadores, pelo menos para definir a geografia e a história como disciplinas separadas. Contudo, é improvável que a geografia possa continuar sua tarefa da compreensão espacial ignorando os ditames da integração entre o tempo e o espaço. Na geografia histórica, por exemplo, a produção acadêmica tem trabalhado em perspectiva contrária, ou seja,

² Desde o final da Idade Antiga e início da Média, é comum observarmos, com frequência, uma relação instrumental e prática entre a história e a geografia, particularmente em seus aspectos corológicos. A geografia e a cronologia eram as colunas básicas da história. Merrills (2005), por exemplo, no livro “History and Geography in Late Antiquity”, um estudo de historiografia da Antiguidade Tardia (período entre os séculos IV e VIII), investigou a presença da geografia na obra de quatro historiadores mais influentes da época: Orosius, Jordanes, Isidoro de Sevilha e Saint Bede. Na análise da obra “Historia ecclesiastica gentis Anglorum”, de Saint Bede, escrita no início do século VIII, o pesquisador concluiu que o espaço não foi tratado de forma indiferente. E ainda salientou que, embora o prefácio geográfico seja uma característica comum de algumas obras históricas dessa época, o papel atribuído à geografia na historiografia da Europa pré-moderna frequentemente alcançou um patamar acima da pura definição dos parâmetros espaciais da investigação temporal.

contra o rompimento do que seria a “ponte da divisão”, subtítulo do mais importante livro de Baker (2003), em que pese os esforços seculares para a separação das duas disciplinas ou o próprio distanciamento atual das duas áreas de investigação.

EM BUSCA DAS ORIGENS DA GEOGRAFIA HISTÓRICA

Na trajetória da evolução da Geografia Histórica, o primeiro relato de comparação entre os dois campos, segundo Hartshorne (1958), foi o de J. M. Franz, em 1747. Mas, de acordo com Darby (1983), o termo só apareceu pela primeira vez em 1846, no atlas do alemão Karl von Spruner, dedicado ao estudo sobre as mudanças nas fronteiras políticas dos Estados europeus, publicado com o título *Historisch - Geographischer Handatlas*³. Como campo de estudo independente, a Geografia Histórica começou a tomar forma após os trabalhos de Friedrich Ratzel (1844-1904) e Vidal de La Blache (1845-1918), os quais introduziram, respectivamente, um foco analítico antropogeográfico e histórico na análise dos fenômenos.

É possível observar o emprego do termo “geografia histórica” em várias obras publicadas durante a segunda metade do século XIX, principalmente para sinalizar as influências ambientais (ou da geografia) na história⁴. Nessa época, a geografia

³ Há, todavia, duas obras de geografia histórica eclesiástica, lançadas anteriormente à data citada (1846) e que trazem o termo em questão: a primeira, de Edward Wells, intitulada *An Historical Geography of the Old and New Testament*, publicada em 1819, e *The Historical Geography of Arabia; or, the patriarchal evidences of revealed religion*, de Charles Forster, lançada em 1844 (WELLS, Edward. **An Historical Geography of the Old and New Testament**. London: General Books, 1819. v.1. FORSTER, Charles. **The Historical Geography of Arabia; or, the patriarchal evidences of revealed religion**. London: Duncan e Malcolm, 1844). Essas duas obras pioneiras de geografia histórica estão disponíveis para download em: <http://www.archive.org>.

⁴ A seguir, listamos algumas das principais publicações durante a segunda metade do século XIX cujos títulos mencionam o termo *geografia histórica*, disponíveis para download no mesmo endereço anteriormente citado.

A) Década de 1850: COLEMAN, Lyman. **An historical geography of the Bible**. Philadelphia: Published By E. H. Butler & Co., 1851. KOPPEN, Adolph Ludvig. **The world in the middle ages, an historical geography**. New York: D. Appleton And Company; London: Little Britain, 1854. MACCARTHY, D. C. **The physical and historical geography of the British Empire**. London: Catholic Publishing and Bookselling Company, Limited, 1859.

B) Década de 1870: HUGHES, William. **Geography in its relation to history**. London: Longmans, Green, and Co., 1870. CRAWLEY, William John Chetwode. **A manual of historical geography for the use of civil service students**. London: George Philip and Son; Liverpool: Caxton Buildings, 1871. BARTHOLOMEW, John. **The student's atlas**,

histórica evoluiu como um ramo da história cuja essência esteve pautada na análise de informações sobre o ambiente, com a finalidade de subsidiar o estudo da cronologia e das principais experiências políticas e sociais dos povos, Estados, impérios, fronteiras e civilizações (BUTLIN, 1993). Tal período é marcado por uma série de publicações que se utilizaram fartamente da cartografia, entre elas, o estudo de George Adam Smith, “The Historical Geography of the Holy Land” (1896), reeditado 25 vezes. Entretanto, vale ressaltar, conforme observou Mitchell (1954), que muitos desses livros nos quais o vocábulo “geografia histórica” aparece no título seriam melhor rotulados como “história geográfica”, pois eles não se preocuparam, essencialmente, com o lugar, mas com a civilização.

Nas primeiras décadas do século XX, registram-se alguns casos isolados de geógrafos que se lançaram esporadicamente no terreno da geografia histórica. A tradição da relação homem-meio esteve firmemente arraigada nessa época, embora se encontrasse presente a um bom tempo na ciência geográfica. Essa tradição levou alguns teóricos, influenciados pelo fascínio do pensamento darwinista, a incorporarem uma visão restrita e, conseqüentemente, a ênfase monística no determinismo ambiental passou a dominar a geografia, em especial a norte-americana, com os trabalhos de Ellen Churchill Semple (“American History and Its

consisting of thirty-five maps of modern geography, embracing all the latest discoveries and changes in boundaries, and six maps of ancient and historical geography. London; Glasgow; Edinburgh: William Collins, Sons & Company, 1871. COLLINS, William; COLLIER, William Francis. **The International atlas, with descriptive letterpress of historical geography.** London; Glasgow; Edinburgh: William Collins, Sons & Company, 1873.

C) Década de 1880: FREEMAN, Edward Augustus. **The Historical Geography of Europe.** London: Longmans, Green, and Co., 1882. LUCAS, Charles Prestwood. **A Historical Geography of the British Colonies.** Oxford: At The Clarendon Press, 1888. FONCIN, Pierre François Charles. **Géographie historique (leçons en regard des cartes) résumant l’histoire de la formation territoriale des paus civilisés et l’histoire de La civilisation.** Paris: A. Colin, 1888. JOHNSTON, Thomas Brumby. **Historical Geography of the Clans of Scotland.** Edinburgh; London: W. & A. K. Johnston, 1889.

D) Década de 1890: COUN, Townsend Mac. **An historical geography of the United States.** New York; Boston; Chicago: Silver, Burdett & Company, 1892. BRUNNHOFER, Hermann. **Urgeschichte der Arier in Voder – und centralasien: historisch-geographische Untersuchungen über der ättesten schauplatez des Regveda und Avesta.** Leipzig: Verlag von Wilhelm Friedrich, 1893. SMITH, George Adam. **The Historical Geography of the Holy Land:** especially in relation to the history of Israel and of the early church. New York: Richard R. Smith, Inc., 1896. STEWART, Robert Laird. **The Land of Israel: a text-book on the physical and historical geography of the Holy Land.** New York; Chicago; Toronto: Fleming H. Revell Company, 1899.

Geographic Conditions”), Albert Perry Brigham (“Geographic Influences in American History”), Ellsworth Huntington (“Civilization and Climate”) e Harlan H. Barrows (“Lectures on the Historical Geography of the United States As Given In 1933”)⁵. Tais estudos, ao enfatizarem a importância das características do ambiente físico, preocuparam-se em interpretar os acontecimentos passados com base apenas nas influências dos aspectos naturais, atribuindo um papel passivo às pessoas.

Nas décadas de 1920 e 1930, mudanças nas fronteiras disciplinares, assim como nas concepções sobre a geografia e a história, produziram vários impactos no conjunto desses dois campos disciplinares. A compreensão da geografia americana, inglesa e francesa em especial estava em mudança. Uma forma "moderna" de geografia histórica surgia com o próprio desenvolvimento da ciência geográfica. Mas, em alguns casos, marcada pela influência do espectro determinista e pelo início do fosso entre as duas disciplinas irmãs, consequência da atitude separatista dos geógrafos históricos que buscavam construir uma existência separada para suas sub-disciplinas: “geografia histórica” e “história geográfica”. Um dos grandes desafios ainda residia na superação da visão restrita entre os historiadores sobre a natureza da geografia, que ainda a compreendiam, essencialmente, como base física sobre a qual os eventos se desenvolviam ou como fronteiras físicas e limites político-administrativos onde a história estava contida.

Do ponto de vista do espectro do determinismo ambiental, alguns historiadores e geógrafos, contudo, não estavam dispostos a conceder a primazia das influências geográficas sobre os agentes históricos. Se, por um lado, geógrafos, em número crescente, começaram a se afastar do determinismo ambiental, e a ênfase homem-meio tornou-se menos popular; por outro, começou a reavivar a tradição dos estudos espaciais e de áreas, apoiando-se, assim, nos conceitos de “paisagem” e de “região” e em temáticas como povoamento e fronteiras. Inclusive, aqueles que continuaram a trabalhar no campo das relações “homem-meio” alijaram

⁵ SEMPLE, Ellen Churchill. **American History and Its Geographic Conditions**. Boston; New York: Houghton Mifflin Company, 1903. BRIGHAM, Albert Perry. **Geographic Influences in American History**. New York: The Chautauqua Press, 1903. HUNTINGTON, Ellsworth. **Civilization and Climate**. New Haven: Yale University Press, 1915. BARROWS, Harlan H. **Lectures on the Historical Geography of the United States As Given In 1933**. Chicago: University of Chicago, 1962. Essas obras estão disponíveis para download no endereço seguinte: <http://www.archive.org>.

o determinismo ambiental como um tema unificador e passaram a construir uma geografia histórica de base positivista e empírica.

Enquanto nos Estados Unidos, a geografia ainda sofria influência acentuada do determinismo ambiental, na França, o sentido histórico, aos poucos, começou a ser incorporado àquela disciplina. Estudos pautados em observações empíricas e em trabalhos de campo passaram a caminhar na perspectiva da reconstituição histórica do espaço. De acordo com Claval (1984), durante o final do século XIX e início do XX, geógrafos franceses procuraram desvendar a história da descoberta e da exploração desde os tempos antigos até os modernos. Uma escola própria, fundada por Paul Vidal de la Blache, começou a ganhar força, evidenciada em artigos publicados nos “*Annales de Géographie*”⁶. Temáticas envolvendo a *paisagem* e a *região* se tornaram os enfoques centrais de autores como La Blache, Camille Vallaux, Roger Dion e outros⁷. Essa “nova” modalidade de estudo, segundo Smith (2005), pode ser classificada como “história geográfica” e foi, então, responsável por implantar raízes, que se prosperaram, especialmente, entre historiadores como Fernand Braudel.

Paul Vidal de la Blache desencadeou o crescimento das preocupações com o caráter complexo das interações entre os povos e seus ambientes. As regiões e os lugares passaram a ser concebidos como produtos dessas relações durante longos períodos de tempo. Conforme Claval (1984), La Blache integrou a reconstrução histórica com a análise social, particularmente no estudo das regiões. Ele inspirou historiadores vinculados à Escola dos *Annales* a buscarem uma compreensão mais profunda das mudanças sociais e econômicas, internalizando uma visão de longo prazo das alterações psicológicas, culturais e geográficas. As histórias regionais e geográficas se tornaram, assim, características distintivas da Escola dos *Annales*, a

⁶ LA BLACHE, Paul Vidal de. **Le principe de la géographie générale. Annales de Géographie**, v. 5, n. 20, p. 129-142, 1896. LA BLACHE, Paul Vidal de. La conception actuelle de l'enseignement de la géographie. **Annales de Géographie**, v. 14, n. 75, p. 193-207, 1905. LA BLACHE, Paul Vidal de. Évolution de la population en Alsace-Lorraine et dans les départements limitrophes. **Annales de Géographie**, v. 25, n. 135, p. 161-180, 1916. Outros artigos do autor podem ser consultados no endereço seguinte: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/revue/geo>.

⁷ LA BLACHE, Paul Vidal de. **Principes de la géographie humaine**. Paris: A. Colin, 1922 (Obra editada por Emmanuel de Martonne). VALLAUX, Camille. **Les Sciences géographiques**. Paris: Alcan, 1909. DION, Roger. Un atlas de géographie historique. **Annales de Géographie**, v. 61, n. 323, p. 73-74, 1952.

ponto de alguns observadores como Harsgor e Huppert afirmarem, segundo Baker (2003), que os historiadores dos *Annales* tinham a “geografia em anexo”⁸.

No primeiro quartel do século XX, a discussão acerca da relação entre as complementaridades da geografia e da história nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, de modo diferente da França, foi criticada durante décadas por Hartshorne (1939). Em sua obra principal, “The Nature of Geography”, o autor asseverou que as duas disciplinas eram distintas: a primeira preocupada com a corografia e a segunda, com a cronologia; a primeira se diferenciando de lugar para lugar e a segunda, ao longo de uma sucessão temporal. Para Hartshorne, a geografia se resumia à “diferenciação de área” e, com essa percepção, ele simplesmente excluiu a possibilidade do desenvolvimento de estudos geográficos com foco nas mudanças por meio do tempo. O abandono da investigação dos processos históricos ou da gênese dos elementos do espaço levou a geografia, particularmente a americana, a se transformar num saber estéril, distorcido e descritivo da realidade.

A concepção de Hartshorne, embasada no preceito de que a história se preocupava com os eventos ou períodos e a geografia com os lugares, gerou problemas para os teóricos que almejavam atravessar o limite entre esses dois campos supostamente distintos. Como consequência dessa perspectiva, houve, assim, dificuldades dos teóricos em explorar as maneiras ou formas pelas quais as atividades humanas mudam através do tempo no espaço. Contudo, nem todos os autores seguiram a proposição do pesquisador americano de considerar a geografia como o estudo da “diferenciação de área”. Alguns geógrafos históricos, como Ralph H. Brown por exemplo, começaram a explorar fontes primárias do passado americano. Desse modo, a posição unilateral de Hartshorne foi aos poucos relegada, principalmente devido às proposições e pesquisas de geógrafos culturais e históricos como Carl Sauer, Henry Clifford Darby, Andrew Clark e Donald Meinig.

Os quatro autores anteriormente citados procuraram lutar contra a definição de fronteiras no campo disciplinar da geografia, com o objetivo de abrir lugar para o

⁸ De acordo com Fox (1978), os estudantes de história ou de geografia francesa estão conscientes não apenas da proximidade desses dois campos disciplinares na tradição acadêmica do país, mas também do papel desempenhado pela geografia vidalina na renovação da história por meio da Escola dos *Annales*, fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch. Para um aprofundamento da história dessa escola, consultar o periódico *Annales d'histoire économique et sociale*, cujos artigos estão disponíveis no endereço seguinte: <http://www.persee.fr/web/revues>.

estudo de, pelo menos, uma estreita faixa de tempo na área de investigação em foco. É nesse sentido que, tanto entre esses pesquisadores quanto entre outros, disseminou-se a noção de que os geógrafos poderiam apropriadamente procurar descrever a geografia do ponto de vista dos padrões espaciais ou da diferenciação de áreas, em algum período histórico específico. Com estudos centrados nas especificidades regionais ou na relação homem-meio, esses teóricos, segundo Guelke (1997), foram os principais responsáveis pelo desenvolvimento substantivo e pedagógico da geografia histórica. Isso ocorreu particularmente a partir de meados da década de 1950 quando, segundo Baker (2003) e Smith (2005), aqueles pesquisadores procuraram estabelecer uma abordagem geográfica distinta para o passado. Tal fato marcou o início de uma produção bibliográfica dedicada às questões da “Geografia Histórica” como campo de estudo. A seguir, apresentamos as principais concepções postuladas por esses estudiosos pioneiros.

A SISTEMATIZAÇÃO DA MODERNA GEOGRAFIA HISTÓRICA

Carl Sauer (1941) defendia uma maior aproximação da geografia com a antropologia. Por meio dessa interação, o geógrafo, ao estudar as difusões culturais, investigaria o conceito de “área cultural”. Metodologicamente, o autor considerava a antropologia como a ciência social mais avançada e a “distribuição geográfica” como um de seus métodos melhor desenvolvidos. Em sua concepção, a geografia humana se diferenciava da psicologia e da história, pois era uma ciência que nada tinha em comum com a investigação dos indivíduos, ao se ocupar unicamente com as instituições humanas ou culturais. Por isso, Sauer (1940, p.17) considerou que o geógrafo tinha a “obrigação de tornar os processos culturais a base do seu pensamento e de sua observação”, além de despertar a curiosidade para as circunstâncias sob as quais os grupos culturais se divergiam ou eram assimilados por outros. Na ideia do autor, a maior parte da história não passava da “diferenciação cultural e das re-convergências”.

A geografia histórica de Sauer, ao se concentrar no impacto da cultura sobre a natureza, procurou examinar como as paisagens naturais foram transformadas em paisagens culturais. Esse método de análise exigia do pesquisador a dedicação de

uma vida ao aprendizado sobre a natureza e a cultura, além de estudos baseados em trabalhos de campo e na pré-história (arqueologia especialmente). De acordo com Sauer (1940, p.7-10), a pesquisa em geografia histórica não poderia ser levada a cabo mediante estudos de caso de grande diversidade, mas exigia a “especialização regional”, visto que o geógrafo humano não podia ser um “turista mundial”, ou seja, “uma autoridade continental movimentando-se de uma povoação para outra ou de uma terra para outra de maneira causal e duvidosa, conhecendo apenas algumas características esparsas”. Neste sentido, a base regional era onde o observador se tornaria um especialista.

Enquanto Hartshorne defendia o método do “corte transversal” (estudo do espaço num dado momento de tempo), Sauer postulava a importância da análise dos “processos de mudança”, aproximando-se do estudo da paisagem cultural de La Blache. Para este autor, a geografia histórica ou a geografia humana eram, prioritariamente, meios para se entender a “diferenciação espacial da cultura (SAUER, 1940, p.6)”. Assim, a geografia humana era a geografia histórico-cultural, partindo do pressuposto de que a “área cultural”, ao ocorrer num lugar particular, configuraria uma “expressão histórica e geográfica (SAUER, 1941, p.8)⁹”.

Henry Clifford Darby (2002, p.153) foi considerado um dos maiores expoentes da “moderna” geografia histórica inglesa. Ele pensava que o homem, no próprio ato de modificar a natureza, é frequentemente afetado por aquilo que procura modificar. Para esse pesquisador, algumas questões estavam claras como o pertencimento da “história geográfica” ao domínio da história, mas outras não eram tão evidentes assim como, por exemplo, a influência da geografia na história e da história sobre a geografia. Mas, esse teórico não estava interessado em mudar o foco de seu trabalho de análise, qual seja, dos lugares alterados pelo homem para os agentes sociais e suas práticas como modificadoras dos lugares. Tanto que se preocupou

⁹ Sauer possuía características mais semelhantes às dos antropólogos e arqueólogos do que às dos historiadores e geógrafos. Em seus trabalhos, o predomínio da *visão vertical* do tempo, ao invés do *corte transversal horizontal*, tornar-se-ia contrário ao que, mais tarde, seria aceito na prática da geografia histórica. Ele concedeu ênfase excessiva às sociedades pré-industriais, negligenciou processos e fenômenos urbano-industriais e o funcionamento interno da cultura (formação dos hábitos, crenças, atitudes, valores e instituições por trás das práticas culturais etc). O próprio conceito de *paisagem cultural* (paisagem-conteúdo), excessivamente materialista, revelava pouco ou nenhum apreço para os aspectos da percepção desse conteúdo (MITCHELL, 1987).

mais com aspectos de ordem metodológica do que teórica. Ao enfatizar a importância dos processos de mudança, procurou valorizar o método do “corte transversal sucessivo”, identificando-se com algumas proposições postuladas por Hartshorne e Sauer¹⁰.

No ambiente acadêmico, Darby procurou despertar em seus alunos a reflexão sobre as maneiras pelas quais vários estudiosos abordaram tanto a noção da geografia histórica quanto as mudanças da relação espaço e tempo em suas análises. A sua obra tem certa importância se levada em conta o tempo e o lugar em que o pesquisador escreveu os ensaios (décadas de 1950 e 1960); embora seja praticamente ignorada no contexto atual. Algumas das razões para isso, segundo Wynn (2003), repousam na ideia de que o mundo mudou, desencadeando novas questões que interfeririam nas antigas preocupações, como as perspectivas recentes da prática da história e geografia e as influências da teoria social contemporânea¹¹.

Andrew Hill Clark, aluno de Sauer, apresentou influência das ideias deste teórico, mas sem se envolver com o exame explícito da cultura. Apesar de se preocupar com a noção de regiões como totalidades, não era apenas um geógrafo regional, mas histórico, inclusive com uma visão dinâmica sobre o papel da história na geografia. Ao contrário do que Hartshorne pregava, Clark acreditava que o sub-campo da geografia histórica não deveria simplesmente produzir geografias estáticas do passado, mas compreender as frequentes mudanças geográficas através do tempo. Na concepção de Clark, a linha de pesquisa da geografia histórica tinha por princípio norteador básico a investigação de “associações regionais e diferenciações”, distinguindo-se da história, esta, preocupada com a "sociedade

¹⁰ Ao japonês K. Fujiota deve-se o avanço do método do *corte transversal sucessivo* que, combinado ao *método narrativo*, criou o estudo a partir do *corte transversal denso*, incorporando, desta forma, um maior conjunto de evidências para a análise das mudanças no tempo (KINDA, 1997, p.64 *apud* ERTHAL, 2003, p.33).

¹¹ A principal obra de Darby, “The Relations of History and Geography”, foi publicada em 2002, dez anos após a sua morte. Organizada por Terry Coppock, Hugh Clout, Hugh Prince e Michael Williams, é formada por textos das palestras apresentadas por Darby em seminários realizados na Universidade de Londres (1954 e 1966) e na Universidade de Cambridge (1966 e 1976). Na verdade, consiste na ampliação de um trabalho publicado pelo autor em 1953 no periódico do Instituto de Geógrafos Britânicos (*Transactions and Papers*, v.19, p.1-11) cujo título versa sobre as relações entre a geografia e a história (“On the Relations of Geography and History”).

humana em suas várias facetas” (MEINIG, 1978, p.6). Intercalado entre a abordagem restritiva de Hartshorne e a concepção genética de Sauer, Clark procurou construir uma forma de abordagem capaz de preservar as fronteiras disciplinares desenhadas por Hartshorne e, ao mesmo tempo, incorporar a posição assumida por Sauer.

O que realmente importava na pesquisa histórica para Clark era o estudo da geografia como um processo dinâmico ou a análise das mudanças geográficas através do tempo. Os objetos de investigação dos geógrafos não deveriam ser apenas os “resultados” de processos complexos de mudança do passado, mas, também e principalmente, a “natureza” das coisas em mutação. Isso explica a maior preocupação do autor com a noção de “área” em detrimento da de “processo” e de “metodologia”. O impacto das suas ideias na perspectiva dos historiadores e geógrafos norte-americanos foi tão significativo que autores como Meinig (1978, p.16) o consideram o “pai da moderna geografia histórica da América do Norte”.

Desde a morte de Carl Sauer e Andrew Hill Clark, ocorrida em 1975, Donald Meinig é apontado como “o decano indiscutível da geografia histórica americana”, opinião expressa por Michael Conzen (POWELL, 2000, p.395). Após o estudo clássico de Ralph H. Brown (“Historical Geography of the United States”), Donald Meinig é o autor da obra mais notável desse campo disciplinar nos Estados Unidos durante o século XX. Nela, o teórico aborda temas como população, cultura, organização política e integração inter-regional e oferece uma análise mais interpretativa do que as obras da escola clássica (Sauer, Clark e Darby)¹².

O pesquisador apresenta detalhes empíricos cujos estudos regionais são sínteses compactas, apoiadas por fontes secundárias e por detalhadas investigações de arquivo. Sua ênfase, assim, em assuntos geopolíticos é inovadora. A obra se difere da escola tradicional ao procurar criar modelos ideais de estruturas

¹² MEINIG, Donald W. **The Shaping of America: a Geographical Perspective on 500 Years of History, Volume 1, Atlantic America, 1492-1800.** New Haven: Yale University Press, 1986. MEINIG, Donald W. **The Shaping of America: a Geographical Perspective on 500 Years of History, Volume 2, Continental America, 1800-1867.** New Haven: Yale University Press, 1992. MEINIG, Donald W. **The Shaping of America: a Geographical Perspective on 500 Years of History, Volume 3, Transcontinental America, 1850-1915.** New Haven: Yale University Press, 1995. MEINIG, Donald W. **The Shaping of America: a Geographical Perspective on 500 Years of History, Volume 4, Global America, 1915-2000.** New Haven: Yale University Press, 2004.

e de desenvolvimento geográfico e ao enfatizar os padrões espaciais: modelos que não tratam da elaboração de leis universais, mas são uma forma de ordenar um mundo complexo. De acordo com Mitchell (1987, p.11), "a marca peculiar" da geografia histórica de Meinig é a sua "ênfase sobre os lugares, mais do que sobre as pessoas".

Os geógrafos históricos que trabalharam até a década de 1960 operaram particularmente dentro de uma estreita faixa de interesses. A maioria dos estudos, segundo Mitchell (1987), abordou três temas centrais: padrões de assentamentos rurais e agricultura, distinções e identidades regionais, além da origem e difusão culturais. Guelke (1997, p.224) analisou essa relação entre a geografia e a história presente nos trabalhos de Darby, Sauer e Clark. Sua conclusão é taxativa: avaliando os princípios teóricos subjacentes nas obras desses autores, pode-se afirmar que os geógrafos históricos citados não compreenderam a história como algo a mais do que o "tempo" ou o "passado". Ou seja, segundo Guelke (1997, p.224), suas geografias históricas nada mais são do que "a descrição das alterações produzidas pelo homem na transformação de seus ambientes físicos". De acordo com o crítico, para ultrapassar o caráter descritivo, a história deveria ser reconhecida como o estudo da "consciência humana" e das relações entre as pessoas.

A geografia histórica tradicional, na opinião de Gregory (1982, p.244), representou apenas as paisagens produzidas por um pequeno grupo de poderosos, ao passo que, "homens e mulheres comuns, que fizeram parte da produção de espaços, cujo incansável trabalho derrubou as florestas e drenou os pântanos, estiveram esquecidos, na maior parte sem registro". Atados a uma visão holística da paisagem, os geógrafos históricos tradicionais não perceberam elementos importantes, como os conflitos internos presentes ou os aspectos mentais mais profundos do comportamento cultural. Inclusive quando, por volta da década de 1960, a mudança atingiu o núcleo da geografia histórica, essa foi mais influenciada pela teoria social e econômica, do que pela teoria da cultura, que permaneceu fracamente desenvolvida até meados da década de 1970.

A renovação no interior da geografia, para além da história descritiva, e a adoção de modelos funcionalistas de explicação da realidade alargaram a lacuna tanto entre geógrafos e historiadores quanto também entre geógrafos históricos e

contemporâneos. A influência da *geografia quantitativa* ou da *nova geografia* criou, por um lado, poucas possibilidades à geografia histórica, que foi relegada a uma posição marginal dentro da geografia. Entretanto, em algumas sub-áreas da própria geografia histórica, a urbana por exemplo, houve um acentuado crescimento da produção teórica e empírica.

O aumento expressivo na pesquisa e na publicação envolvendo temas urbanos e industriais, concernentes, principalmente, às relações, em grande escala, entre imigração, urbanização e industrialização nos séculos XIX e XX, pode ser comprovado em Mitchell (1987). Esse autor destacou três orientações principais que nortearam os trabalhos de geografia histórica no contexto da “nova geografia”: a evolução da estrutura social e espacial interna das cidades, o surgimento de sistemas urbanos e as relações externas entre cidades (estudos quantitativos que objetivaram a busca de padrões espaciais e de generalizações). Assim se expressou o autor:

Em geral, muitos geógrafos históricos durante as décadas de 1960 e 1970, no ápice da geografia quantitativa, concordariam que a história de um lugar ou de uma população está embutida em sua geografia; que as *estruturas espaciais* e os *padrões* são tanto uma condição como um resultado de situações sociais e biofísicas; e que a geografia das mudanças precisa ser vista em termos de *processos* e *efeitos* (Grifos nossos) (MITCHELL, 1987, p.8).

Como os processos de transformação urbana e suas consequências espaciais são menos explícitos e duradouros do que os processos associados à história pré-industrial e rural, novos problemas metodológicos vieram à tona. No campo particular da geografia histórica urbana, em especial a norte-americana, um novo impulso de pesquisa procurou delinear as ligações funcionais e espaciais entre a urbanização e a industrialização. Isto foi explorado por meio das características distintas das cidades mercantis e do processo de crescimento urbano durante períodos pré-industriais. Estudos, nessa linha, enfatizaram os transportes intra-urbanos, a expansão do distrito central, o surgimento de fábricas e a ampliação do trabalho industrial em larga escala. Se, por um lado, essa nova abordagem é

positiva, por outro, há ainda pouca discussão sobre tais acontecimentos em pequenas vilas e cidades¹³.

Na década de 1970, o desmonte da geografia quantitativa pela crítica marxista produziu impactos significativos no âmbito da geografia histórica. Em que pese o fato dessa renovação teórica não ter estruturado na ciência geográfica um paradigma único, haja vista a influência de várias correntes como a idealista e a estruturalista, geógrafos históricos (Cole Harris, Leonard Guelke e Derek Gregory, por exemplo) formularam várias críticas às abstrações dos modelos espaciais da geografia quantitativa, que pretendiam ser universais. Esses autores caminharam na perspectiva do redescobrimto da história e da centralidade do conceito de lugar. E ainda advogaram que a organização e o comportamento espaciais não seguem uma lógica geométrica, antes dependem do contexto espacial, social e histórico no qual estão inseridos.

Uma preocupação conjunta pela forma estética e pelo estatuto teórico das narrativas históricas, além da “minuciosa restauração dialética entre ação e estrutura”, era necessária à geografia histórica sob influência da “geografia nova”, conforme destacou Gregory (1978, p.161; 1982, p.246). Naquele contexto, também era imprescindível rejeitar a “epistemologia positivista” e fundar “uma análise crítica dos discursos passado e presente”. Duas alternativas foram propostas pelo autor citado: a fenomenologia constitutiva de Alfred Schütz e o estruturalismo linguístico de Claude Lévi-Strauss, os quais sugerem, a partir de suas conexões e contrastes,

¹³ Na opinião de Mitchell (1987, p.13), “o estudo do surgimento dos sistemas urbanos tem despertado mais atenção dos geógrafos históricos urbanos do que propriamente dos historiadores. Aqueles, conseqüentemente, monopolizaram a investigação sobre a evolução das redes urbanas, utilizando-se de construções teóricas da geografia humana moderna”. Enfatizou o autor que as teorias do mercantilismo e do lugar-central fornecem algumas pistas valiosas para a compreensão do surgimento de alguns padrões nacionais de sistemas urbanos. Mas, elas criam certos modelos não elucidativos dos seguintes problemas: taxas diferenciais de desenvolvimento dos sistemas urbanos regionais, tamanho incomum/concentração regional das maiores cidades e impacto da localização industrial. Por isso, novas abordagens têm sido discutidas para tentar resolver essas questões, como a *Teoria do Crescimento Regional*, que visa a estudar a dinâmica centro-periferia presente no interior das regiões urbanas (propõe novas questões para o primeiro problema aludido), e o conceito de *dominância metropolitana*, que procura introduzir novas perspectivas de análise para o segundo problema (destaca a importância de uma vantagem inicial acumulada, decorrente de uma localização próxima a algo em potencial, a exemplo de cidades portuárias norte-americanas como Nova Iorque).

diversas maneiras na construção da análise do discurso, no intuito de contribuir para uma história estrutural.

Críticas à elaboração de modelos espaciais na geografia histórica também foram apontadas por Baker (1972, p.11-28), em capítulo especial intitulado "Rethinking Historical Geography". O pesquisador relatou que os geógrafos históricos, ao perseguirem seus próprios interesses, não conseguiram acompanhar a evolução tanto na história quanto na geografia. Portanto, esses profissionais deveriam redescobrir suas raízes e desenvolver uma geografia histórica explicitamente humanista, que abraçasse temas sociais e econômicos, atitudes e ações, ideias e artefatos, assim como as mudanças na paisagem promovidas pela ação humana, além das paisagens transformadas pela ação do homem. Em outro artigo, Baker (1984) destacou a necessidade de se conceder atenção especial aos problemas de generalização em termos históricos, salientando a importância do resgate da visão processual e da construção de modelos e teorias na geografia¹⁴.

No contexto de influência das perspectivas humanista e estruturalista, o livro organizado por Michael Pacione, "Historical Geography: Progress and Prospect", publicado em meados da década de 1980, já apontava algumas das novas tendências anteriormente mencionadas. Por exemplo, num dos capítulos, intitulado, "Theory and Methodology in Historical Geography", escrito por Butlin (1987, p.16-45), o autor ressaltou a presença de uma "Nova Geografia Histórica Social", associada aos escritos filosóficos e teóricos de outras disciplinas, notadamente a história social, a sociologia, a psicologia social e a política. Esse teórico apontou as seguintes fontes de inspiração da nova geografia histórica: o marxismo não ortodoxo de Habermas e da Escola de Frankfurt, a teoria marxista do filósofo francês Louis Althusser, a teoria de estruturação de Giddens, as histórias ou arqueologias das ciências humanas de Michel Foucault, as obras da escola francesa de história

¹⁴ Guelke (1982) também formulou críticas às abstrações dos modelos espaciais da geografia quantitativa. O autor procurou esboçar uma abordagem humana, regional e histórico-geográfica, uma "alternativa idealista" à geografia positivista da época. Esse teórico defendeu a importância da análise das mudanças históricas de cunho geográfico e afirmou que se um estudo de um período passado não se preocupar com isso, ele não será necessariamente histórico-geográfico, mesmo se empregar fontes manuscritas de arquivo.

(*Annales*), os escritos de Edward Palmer Thompson e Raymond Williams, as críticas do movimento feminista etc¹⁵.

No bojo das mudanças teóricas, a geografia histórica “moderna”, de forma semelhante à geografia, passou a centrar-se nos processos sociais e políticos, abordando temáticas novas, relativas à classe, poder, gênero, identidade, raça, papel do Estado, ideologia, valorização da paisagem, além da percepção e preservação do patrimônio. Assim, do mesmo modo que as técnicas de dominação social passaram a ser um novo tema para a geografia histórica, os esforços subalternos de resistência começaram a ser enfatizados. O foco sobre a “vida social comum e/ou individual” tem possibilitado contestar as restrições das grandes narrativas presentes nas fontes históricas dos arquivos. A nova geografia histórica, segundo Lambert e Lester (2007) *apud* Naylor (2008), procura realçar as diversas estruturas presentes em uma escala na qual pessoas, lugares, objetos, ações e atividades, de maneira ativa, produzem economias, impérios, instituições, discursos, conhecimentos etc¹⁶.

Até a década de 1960, a geografia histórica era “paroquial”, relativamente “acanhada”, atrelada, muitas vezes, à definição e à defesa dos seus limites disciplinares. Já a partir de 1980, esse campo de investigação dialogará com disciplinas afins, sobretudo com a historiografia marxista. Entretanto, como destacaram Baker e Gregory (1984), é fundamental alertar que o futuro dessa nova linha de investigação híbrida não está na aplicação *rígida e dogmática do marxismo*, mas numa dinâmica pautada por debates e questionamentos. Apesar da importante advertência, diversos estudiosos da área ainda privilegiam, incondicionalmente,

¹⁵ As influências metodológicas da fenomenologia e do estruturalismo na Geografia Histórica podem ser consultadas na obra a seguir: GREEN, D. Brooks (Ed.). **Historical Geography: A Methodological Portrayal**. Savage: Rowman & Littlefield, 1991. Para uma análise aprofundada das diversas influências da teoria social crítica sobre a Geografia Histórica consultar: GRAHAM, Brian; NASH, Catherine. **Modern Historical Geographies**. Harlow: Pearson Education Ltd., 2000.

¹⁶ Clout (2006), ao comentar a publicação organizada por Philippe Boulanger e Jean-Rene Trochet (“Ou èn est la géographie historique? Entre économie et culture”), divulgada em 2005, relatou que a obra pode ser tomada como consequência das mudanças da associação tradicional entre a *geografia histórica* e a *histórica econômica*, na qual a primeira área caminha na direção da construção de uma nova interação, particularmente com a geografia cultural e os estudos da cultura em geral. Como espaço e tempo, natureza e cultura, em suas várias combinações, agrupam a totalidade dos fenômenos no lugar, é muito provável, conforme destacou Williams (1994, p.9), que os geógrafos históricos venham a ocupar um papel de vanguarda no debate.

conceitos da corrente marxista ortodoxa como “modo de produção, relações de produção, formação sócio-econômica” etc. Ou seja, tomam a base econômica como fator exclusivo e determinante da evolução do espaço, minimizando outras dimensões, notavelmente a social e a espacial. Há ainda outros problemas que os pesquisadores da geografia histórica devem evitar, como o risco da excepcionalidade e a sobrevalorização extrema do localismo ou da subjetividade¹⁷.

Segundo postulou Ausdal (2006), caso a nova geografia histórica caminhe na perspectiva de uma compreensão mais consistente das dinâmicas sociais e espaciais, os investigadores devem estar atentos para que a área não seja demasiadamente absorvida em seu próprio mundo discursivo e, assim, não perca um elemento central defendido pelos predecessores da disciplina: a perspectiva ampla. Guelke (1997, p.233), neste sentido, inclusive arriscou afirmar que “se o percurso intelectual de dissolução da geografia histórica em um conjunto de estudos culturais nas últimas décadas representa uma tendência, ela deixará de existir como campo de análise”.

Outra crítica, no que se refere à prática da geografia histórica, reside nas atuais tendências dessa disciplina, tanto na Geografia Histórica quanto na Geografia Humana, de negar as “influências ambientais”. Nesse aspecto, Williams (1994, p.9), ao avaliar o processo de transição entre a “geografia histórica quantitativa” e a “crítica”, destacou a seguinte advertência:

[Se], durante as décadas entre 1950 e 1970, a geografia relegou o ambiente a um sentido periférico [...], não há dúvidas de que a efervescência epistemológica das últimas décadas, necessária e a influenciar, de forma cada vez mais premente, a geografia no encontro de novos paradigmas e explicações abrangentes, desviou as energias e os interesses para fora da questão básica da relação homem-natureza, que muitos considerariam como o cerne do assunto da geografia histórica. Por um lado, houve certo alargamento do campo com sucessos notáveis, mas, por outro, o perigo se concretizou na determinação do enfoque social, que reduziu o ambiente físico a uma fase passiva na batalha com as forças socioeconômicas e culturais. *Para muitos geógrafos, o mundo físico simplesmente não existe mais* (Grifos nossos).

¹⁷ A perspectiva dos estudos baseados na singularidade ou na subjetividade é derivada de correntes da geografia humanística, que postulam a priorização do singular do ponto de vista dos valores, significações, sentimentos, símbolos, propósitos e relações dos indivíduos e grupos sociais com o lugar onde vivem.

Na história de formação e consolidação da Geografia Histórica como campo disciplinar de investigação, cabe ainda salientar a importância dos vários encontros acadêmicos da área, ocorridos desde meados da década de 1970. A primeira reunião, denominada “British-Canadian Symposium on Historical Geography”, aconteceu em 1975 na cidade de Ontário (Canadá), onde cinquenta e quatro geógrafos históricos canadenses, dezesseis britânicos e dois americanos trocaram experiências. Esse evento, organizado com a ajuda de Robin Butlin e Alan Baker, teve como objetivo a discussão de questões metodológicas e filosóficas dentro da própria disciplina. Isso criou uma oportunidade para geógrafos canadenses e britânicos compartilharem opiniões sobre metodologia, dados, técnicas e temas de investigação de interesse mútuo. O sucesso do simpósio lançou as bases para uma série de novos encontros que passaram a ter alcance internacional¹⁸.

Os simpósios e as conferências contribuíram para criar um sentimento de identidade entre os geógrafos históricos. Essas reuniões, em conjunto com o “*Journal of Historical Geography*”, além de apresentarem profissionais com perfis acadêmicos renomados, são um importante estímulo aos debates sobre problemas e teorias, fontes e técnicas, e sobre as relações da geografia histórica com suas disciplinas cognatas. Dos vários encontros que aconteceram, Henry e Jenkins (2003) destacaram o 10º, ocorrido em 1998 na Irlanda. Os autores apontaram que, após esse evento, a pesquisa em geografia histórica apresentou notável crescimento, tanto em termos de investigadores quanto no âmbito dos assuntos abordados. A 10ª conferência mencionada também foi um marco na consolidação da geografia histórica devido à criação da “International Association of Historical

¹⁸ Em 1977, foi realizado, no Reino Unido, o 2º “British-Canadian Symposium on Historical Geography”. Já em 1979, a Universidade da Califórnia sediou o 3º encontro, que contou com geógrafos históricos do Canadá, Reino Unido, Austrália, Nova Zelândia e EUA. Dois anos depois, ocorreu o 4º simpósio em Toronto (Canadá). O 5º encontro foi realizado em Oxford (Reino Unido), em 1983. A partir de então, a reunião passou a se chamar “International Conference of Historical Geographers” (ICHG) e foi sediada nos seguintes locais: Luisiana, 6ª, em 1986; Israel, 7ª, em 1989; Vancouver, 8ª, em 1992; Cingapura e Perth (Austrália), 9ª, em 1995; Irlanda, 10ª, em 1998; Quebec, 11ª, em 2001; Auckland (Nova Zelândia), 12ª, em 2003; Hamburgo, 13ª, em 2006; Quioto, 14ª, em 2009; Praga, 15ª, em 2012; e Londres, 16ª, em 2015. De acordo com Baker (2010), na penúltima conferência, estiveram presentes 245 participantes de 31 países. Passados mais de trinta anos do primeiro simpósio, a ICHG tinha se transformado, mas a sua base, canadense e inglesa, ainda permaneceu evidente.

Geographers” (IAHG), cujo objetivo é promover a investigação geográfica dentro do campo disciplinar da geografia, assim como em outras disciplinas históricas com interesse no espaço.

O somatório de esforços realizados durante o século passado e no começo deste para consolidar a geografia histórica como campo de estudo independente é, pois, bastante frutífero. No entanto, a importância dessa disciplina no que se refere ao âmbito acadêmico-profissional ainda não foi devidamente reconhecida, fato comprovado pelas poucas vagas de concursos destinadas a este fim nos departamentos de geografia das universidades, conforme apontou Kay (1990). Além disso, ainda persistem grandes diferenças nas posturas epistemológicas em muitos países, alguns deles, inclusive, com “atrasos” conceituais. Na China, por exemplo, o campo disciplinar é embrionário, marcado pela ênfase na descrição, portanto, bem atrás do Ocidente quando se trata de investigação teórica ou de um quadro conceitual de trabalho (QUE, 1995; CHIANG, 2005)¹⁹.

Enquanto na Inglaterra, França, Estados Unidos, Canadá e Austrália, a geografia histórica conseguiu formar um campo de pesquisa respeitado, impondo-se pela qualidade dos seus quadros profissionais e da produção teórica e empírica; no Brasil, a disciplina não conseguiu consolidar uma tradição que se consubstanciasse numa escola de grande importância, apesar das contribuições de autores internacionalmente reconhecidos como Antônio Carlos Robert Moraes, Maurício de Almeida Abreu, Pedro de Almeida Vasconcelos etc. De modo semelhante ao contexto mundial, predominam estudos de caso, com escassas pesquisas sobre revisão e produção teórica e metodológica. Por esse e outros motivos, a área carece de instrumentais teórico-metodológicos e, não poucas vezes, é confundida com “história do pensamento geográfico”, “estudo da paisagem” ou “influência ambiental

¹⁹ Isto se explica porque os contatos entre chineses e geógrafos históricos ocidentais foram limitados até a década de 1980. Ademais, a maioria dos geógrafos históricos chineses são educados como historiadores e estão interessados mais nos estudos sobre as mudanças através do tempo do que em investigar a organização e a variação espacial. Conforme apontou Kay (1990), se considerarmos que no debate sobre a geografia histórica, os historiadores pouco se envolvem quando comparados aos seus pares, os geógrafos, a situação atual da disciplina na China é ainda mais compreensível. Ainda no continente asiático, outro exemplo elucidativo é o do Japão, onde os geógrafos históricos estão ampliando a reinterpretação das suas paisagens tradicionais em termos dos signos e símbolos, porém, ainda na perspectiva da renovação ou da geografia histórica “moderna” (SENDA, 1982; KINDA, 1997).

na história”. Além disso, alguns estudos persistem na abordagem da geografia histórica como resumida, simplesmente, à descrição do passado, ignorando, ainda, o uso de fontes primárias dos arquivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na trajetória de evolução da Geografia Histórica, uma vasta literatura tem se acumulado desde o século XVII. No entanto, é a partir de 1950 que se observa uma sistematização teórico-metodológica, advinda das contribuições de Henry Darby, Andrew Clark, Carl Sauer e Donald Meinig. Esses pesquisadores lutaram pela incorporação do tempo nas análises geográficas e mostraram que pensar historicamente é parte essencial do ato de fazer geografia humana. Após sessenta anos, a produção acadêmica internacional caminha numa perspectiva contrária à da separação dos dois principais campos integrantes da disciplina (Geografia/História), acompanhando as tendências dos paradigmas da Geografia e de outras ciências sociais.

O universo da teoria da Geografia Histórica é profundamente dominado pela extensa e reconhecida produção anglo-americana. Em países como Inglaterra, França, Estados Unidos, Canadá e Austrália, a disciplina conseguiu formar um universo de pesquisa respeitado e se impor pela qualidade dos quadros profissionais e da produção teórico-empírica. Em contrapartida, os lugares para além do espaço centro-ocidental desenvolvido continuam a ser sub-representados no conhecimento geográfico. No Brasil, por exemplo, apesar das importantes criações individuais, a área ainda carece de instrumentais teórico-metodológicos e, não poucas vezes, é confundida com “história do pensamento geográfico”, “estudo da paisagem”, “influência ambiental na história” ou simples “estudo do passado”.

Há uma diversidade de publicações que versam sobre as mudanças geográficas e históricas de determinados lugares e períodos, os chamados *estudos de caso*. Em contrapartida, pesquisas e artigos dedicados ao universo da teoria e da metodologia desse campo de análise são escassos. Essa carência produz várias consequências para a área de investigação, tais como: base institucional e disciplinar fragmentada, ecletismo de assuntos e linhas de abordagem, confusão

com a historiografia, indefinição do objeto e do sujeito de investigação, natureza particular, excessivamente descritiva e raramente explicativa, e aplicabilidade restrita dos resultados obtidos.

Todavia, as tendências atuais das pesquisas no universo mais geral da disciplina representam novas direções e sinalizam uma ruptura com temas e abordagens tradicionais, haja vista a forte inclinação da linha de investigação com a prática crítica e reflexiva contemporânea nas ciências sociais. Historiadores e, principalmente, geógrafos expandiram as temáticas de estudo e a relação com as disciplinas afins, recorrendo, assim, a um conjunto amplo de teorias. Além disso, têm adotado diversas perspectivas sobre a Geografia Histórica, buscando, inclusive, compreender a natureza e a finalidade da abordagem histórica na geografia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSDAL, Shawn Van. Medio siglo de geografía histórica en Norteamérica. **História Crítica**, Bogotá, n.32, p.198-234, 2006.

BAKER, Alan R. H. Rethinking Historical Geography. In: _____. (Ed.). **Progress in Historical Geography**. Newton Abbot: David & Charles, 1972. p. 11-28.

_____. Reflections on the Relations of Historical Geography and the *Annales* School of History. In: BAKER, Alan R. H.; GREGORY, Derek. (Eds.). **Explorations in Historical Geography: Interpretive Essays**. New York: Cambridge University Press, 1984. p.1-27.

_____. **Geography and History: Bridging the Divide**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

_____. On the history and geography of the *International Conference of Historical Geographers*. **Journal of Historical Geography**, v.36, n.1, p.102-104, 2010.

BAKER, Alan R. H.; GREGORY, Derek. Some terrae incognitae in Historical Geography: An Exploratory Discussion. In: _____. (Eds.). **Explorations in Historical Geography: Interpretive Essays**. New York: Cambridge University Press, 1984. p.180-194.

BUTLIN, Robin. Theory and Methodology in Historical Geography. In: PACIONE, Michael (Ed.). **Historical Geography: Progress and Prospect**. London: Croom Helm, 1987. p.16-45.

_____. **Historical Geography: Through the Gates of Space and Time**. New York: Routledge, 1993.

CHIANG, Tao-Chang. Historical Geography in China. **Progress in Human Geography**, v.29, n.2, p.148-164, 2005.

CLAVAL, Paul. The historical dimension of French geography. **Journal of Historical Geography**, v.10, n.3, p.229-245, 1984.

CLOUT, Hugh. Review of Philippe Boulanger and Jean-Rene Trochet (Eds.). "Où en est la géographie historique? Entre économie et culture". Paris: L'Harmattan, 2005. **Journal of Historical Geography**, v.32, n.1, p.223-224, 2006.

DARBY, Henry Clifford. "Historical Geography in Britain, 1920-1980: continuity and change". **Transactions of the Institute of British Geographers**, v.8, n.4, p.421-428, 1983.

_____. **The Relations of History and Geography: Studies in England, France and the United States**. Exeter: University of Exeter Press, 2002.

ERTHAL, Rui. Geografia Histórica: considerações. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, v.5, n.9, p.29-39, 2003.

FOX, Edward W. Review of Hugh D. Clout: "Themes in the Historical Geography of France". **American Historical Review**, v.83, n.2, p.446-447, 1978.

GREGORY, Derek J. The discourse of the past: phenomenology, structuralism and historical geography. **Journal of Historical Geography**, v. 4, n.2, p.161-173, 1978.

_____. Action and structure in historical geography. In: BAKER, Alan R. H.; BILINGE, Mark (Eds.). **Period and place: Research methods in historical geography**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982. p.244-250.

GUELKE, Leonard. **Historical Understanding in Geography, An Idealist Approach**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

_____. The relations between geography and history reconsidered. **History and Theory**, v. 36, n.2, p.216-234, 1997.

HARTSHORNE, Richard. **The Nature of Geography**. Lancaster: Association of American Geographers, 1939.

_____. The Concept of Geography as a Science of Space, From Kant and Humboldt to Hettner. **Annals of the Association of American Geographers**, v.48, n.2, p.97-108, 1958.

HENRY, Simon Reid; JENKINS, William. The Eleventh *International Conference of Historical Geographers*, Université Laval, Quebec, 12-18 August 2001. **Journal of Historical Geography**, v.29, n.2, p.270-272, 2003.

JAKLE, John A. Time, Space, and the Geographic Past: a prospectus for Historical Geography. **The American Historical Review**, v.76, n.4, p.1084-1103, 1971.

KAY, Jeanne. The Future of Historical Geography in the United States. **Annals of the Association of American Geographers**, v.80, n.4, p.618-621, 1990.

KINDA, Akihiro. Some traditions and methodologies of Japanese historical geography. **Journal of Historical Geography**, v.23, n.1, p.62-75, 1997.

MEINIG, Donald W. Prologue: Andrew Hill Clark, Historical Geographer. In: GIBSON, James R. (Ed.). **European Settlement and Development in North America: Essays on Geographical Change in Honour and Memory of Andrew Hill Clark**. Toronto: University of Toronto Press, 1978. p.3-26.

MERRILLS, Andrew H. **History and geography in late antiquity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

MITCHELL, Jean Brown. **Historical geography**. London: English Universities Press, 1954.

MITCHELL, Robert D. The North American Past: Retrospect and Prospect. In: MITCHELL, Robert D.; GROVES, Paul A. (Eds.). **North America: The Historical Geography of a Changing Continent**. Totowa: Rowman and Littlefield, 1987. p.1-22.

NAYLOR, Simon. Historical geography: geographies and historiographies. **Progress in Human Geography**, v.32, n.2, p.265-274, 2008.

POWELL, Joseph Michael. Harvest of 'Entwining Complication': annotations on American historical geography. **Australian Geographer**, v.31, n. 3, p. 393-403, 2000.

QUE, Weimin. Historical Geography in China. **Journal of Historical Geography**, v.21, n.4, p.361-370, 1995.

SAUER, Carl O. **Introducción a la Geografía Histórica**. Louisiana: Association of American Geographers, 1940.

_____. Foreword to Historical Geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v.31, n.1, p.1-24, 1941.

SENDA, Minoru. Progress in Japanese historical geography. **Journal of Historical Geography**, v.8, n.2, p.170-181, 1982.

SMITH, Jonathan M. Review of Alan R. H. Baker: "Geography and History: Bridging the Divide". **H-HistGeog (H-Net Reviews)**, p.1-3, may. 2005.

WILLIAMS, Michael. The relations of *environmental history* and *historical geography*. **Journal of Historical Geography**, v.20, n.1, p.3-21, 1994.

WYNN, Graeme. Review of Henry Clifford Darby: "The Relations of History and Geography: Studies in England, France and the United States". **H-Environment (H-Net Reviews)**, p.1-6, may. 2003.

Recebido em: 20/05/2015

Aceito para publicação em: 17/05/2016